

ESPAÇO-TEMPO

Aulas na Estação Espacial..., sucesso de experiências no espaço..., Programa AURORA... palavras chaves de um futuro “risonho” que se alcançará com esforço individual e colectivo..., nada de novo. Mas, não é desse espaço que quero reflectir neste início de 2004 ano em que a nossa SPHM receberá todos os que participarem na “23ª European Conference on Microcirculation” pois é já em Setembro próximo... falta pouco tempo. O conceito de tempo influencia o de espaço comportando-se como interdependentes que aparecem na escrita interligados por um “hifen” e que Heisenberg formulou no famoso princípio da incerteza: “nenhum observador pode apreender simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula no espaço-tempo”. Continuamos sem saber quantas dimensões lhe estão associadas, se é que as têm, mas deixemos isso para os entendidos.

O que gostaria de reflectir é sobre o espaço-tempo que o ser humano utiliza enquanto comunicador interferindo na ciência na cultura e na sociedade. Aqui surgem as vias da mudança de mentalidades, do aparecimento de novas perspectivas e dos combates de ideias mais ou menos longos consoante a liberdade de utilizar o espaço-tempo aliado, tal como no passado ao suporte económico. Há vários andamentos, há vários planos de acção, mas há um factor acelerador que se torna, relativamente ao passado mais premente, – o meio da divulgação da última descoberta sobre qualquer e todo o “núcleo” da ciência. A inquietude e a vontade de conhecer o resultado da abordagem seleccionada para testar a hipótese escolhida para solucionar a ideia, são sentimentos que animam os cientistas de outrora e de hoje. O espaço-tempo desta andança é variável consoante o objecto de estudo e, é potenciado de modo aleatório pelo factor – aceitação/rejeição dos resultados, também ele sujeito a uma plétora de influências. A maior ou menor percepção que se consegue conferir ao nível dos pares, pode transformar-se em confusão quando extravasa para outras dimensões que se interessam pela aplicação do que se faz, seja para subsidiar, seja para utilizar. Para a primeira, é mais que sabido que existem programas prioritários, que nem vale a pena aprofundar das suas razões porque estão cheios de razões, e ou aceitamos e tentamos, sabendo à priori que vamos passar por um “buraco negro”, pois o espaço-tempo desaparece na pior das hipóteses. Na outra face está a matéria, isto é, a concessão do apoio e a obrigatoriedade da produção no espaço-tempo previsto com o cumprimento de todas as cláusulas. Este é um buraco asfíxiante e robotizado.

Dizia que a confusão instala-se quando o comunicador pretende noticiar da utilidade do que faz sem ser por equações, formulas sequenciais ou esquema receituário. Estamos no plano da comunicação social, por exemplo entrevista oral ou escrita. Há espaço-tempo a não ultrapassar, tudo se passa a correr (ideia de movimento) perdendo-se momentos que poderiam ser frutuozos, e ao invés geram-se espaços de terror pelo que sugerem sobre os futuros comportamentos humanos.

Quando queremos que o espaço-tempo pare para reflectir não conseguimos e, antes pelo contrário, multiplicam-se as probabilidades de ocorrerem acontecimentos para solucionar outros tantos resultados de decisões tomadas.

Socialmente no plano da universidade, no ensino superior, vivem-se momentos complicados pois todos querem entrar, alunos e cientistas, para um espaço-tempo por estranho que pareça mais ou menos estático... Assim, alguns imaginam que ensinar com qualidade e sucesso no mesmo espaço-tempo é independente do número de alunos. E outros, que todos nascemos professores.

Mas não era sobre este espaço-tempo estático e os seus problemas que queria deixar a causa da minha reflexão, mas exactamente sobre o espaço-tempo que sempre existiu e que está à nossa volta e não aproveitamos, e que se chama “a prática da investigação clínica”. Há 30 anos que convivo com jovens que ao deixarem a faculdade licenciados não tem mais espaço-tempo, pois são engolfados pela competitividade da profissão na vida médica que lhes dá 0,5 valores para a docência e investigação.

Desperdiçar espaço-tempo é contra a natureza perceptível, qualquer que seja a tendência, desde a reducionista, à caótica, à probabilística e à dissipativa.

*Carlota Saldanha
Presidente da SPH*